



FERNANDO LIGUORI

# O CÍRCULO MÁGICO & O NADA NA MAGIA DE CROWLEY CIRCULUS MAGICUS ET NIHIL

DA SÉRIE: O OLHO DE HOOR

*Faz o que tu queres há de ser tudo da Lei.*



ma vez assimilado o princípio thelêmico de 0=2, formulado por Aleister Crowley (1875-1947) em seu ensaio BERASHITH,<sup>1</sup> é possível entrever como tal axioma se desdobra, concretamente, nos instrumentos e estruturas da magia cerimonial thelêmica. Essa relação, porém, não é imediatamente evidente a olhos destreinados; ela exige uma compreensão prévia de BERASHITH, no qual Crowley elabora sua metafísica do Nada Absoluto como origem do Universo manifesto. Essa doutrina encontra expressão particularmente densa na representação do Círculo Mágico, tal como descrita no LIVRO 4. Antes de abordar sua estrutura simbólica, cumpre levantar duas questões preliminares: i. por que operar magicamente em um universo considerado ilusório?; ii. de que modo a magia cerimonial possui eficácia nesse contexto ilusório?

O Universo de Crowley, embora ilusório em sua aparência fenomênica, é dotado de consciência e vida, i.e. animado e responsivo. Um dos aspectos mais importantes deste Universo é o Sagrado Anjo Guardião do Adepto que, como demonstrei no livro DAEMONIUM: CURSO DE FILOSOFIA OCULTA,<sup>2</sup> em Thelema trata-se de uma reformulação moderna de uma das fórmulas mágicas mais antigas da magia, a saber: o conhecimento e a conversação com o espírito tutelar.<sup>3</sup> Assim como parte do Eu do Adepto manifesta-se na realidade fenomênica, outra parte, não-manifesta, reside

---

<sup>1</sup> Aleister Crowley. BERASHITH: UM ENSAIO SOBRE ONTOLOGIA. Ensaio filosófico abordando a origem do universo a partir da perspectiva da não-dualidade. Primeiramente publicado em THE COLLECTED WORKS OF ALEISTER CROWLEY, Vol. II. Yogi Publication Society, 1906.

<sup>2</sup> Clube de Autores, 2019.

<sup>3</sup> Este livro, junto ao anterior CORRENTE 93 (2017) e ao recente OS COMENTÁRIOS DO AL, constituem a tese de Adeptus Exemptus 7º=4º do presente autor.

acima do Abismo, nas três primeiras *sephiroth* da Árvore da Vida que, por sua vez, constituem uma unidade. Este Eu não-manifesto, que se encarna para acompanhar o Adepto, é denominado Sagrado Anjo Guardião. Num sentido profundo, o Anjo é o negativo (ou complemento) do Eu positivo e manifesto. A Grande Obra consiste na conjunção desses dois aspectos em Unidade, para que o Eu, tornado Uno e Perfeito, retorne ao Nada. Eis o objetivo supremo da magia em Thelema. Crowley escreve:

Existe uma única definição principal para o objeto de todo Ritual mágico. É a união do Microcosmo com o Macrocosmo. O Ritual Supremo e Completo é, portanto, a Invocação do Sagrado Anjo Guardião; ou, na linguagem do Misticismo, a União com Deus.<sup>4</sup>

Unir as metades do Eu e, por meio disso, realizar o Nada, é o cerne da operação mágica. Quanto à segunda questão, sua resposta, embora sucinta, deve ser clara: os instrumentos mágicos (como a Baqueta, o Cálice, o Círculo etc.) são tão ilusórios quanto o Eu empírico do Adepto; todavia, ao contrário deste, foram deliberadamente construídos para representar os contornos do Real. Sua importância não reside em suas propriedades fenomenais, mas em seu valor simbólico. Ao serem investidos de sentido pelo Adepto, tais instrumentos tornam-se veículos do Eu Verdadeiro. O seu valor é funcional: servem como métodos de conexão entre o fenomênico e o real, entre o visível e o invisível. O Adepto deve lembrar que sua Verdadeira Vontade é a única realidade efetiva; e que nenhuma coisa fenomênica é essa Vontade, embora tudo possa se tornar um espelho simbólico de seus contornos. Assim como o corpo e a história do Adepto são *tokens*<sup>5</sup> naturais dessa Vontade, as armas mágicas são *tokens* artificiais dela. A magia cerimonial opera, portanto, na região do real, ainda que seus instrumentos sejam ilusórios, pois estes são intencionalmente ordenados segundo a estrutura invisível do Eu.

O ensaio BERASHITH fornece a base ontológica da Grande Obra, que se projeta nos elementos da magia cerimonial. O Círculo Mágico é uma das manifestações mais densas dessa metafísica. Em sua representação simbólica, ele é identificado com Nuit, enquanto Espaço Infinito, ou *Ain Soph*,<sup>6</sup> particularmente na medida em que esse Espaço Infinito se deixa conter pelo vaso encarnacional do Adepto. Crowley escreve:

O Círculo anuncia a Natureza da Grande Obra [...]. Uma vez feito e consagrado, o Mago não deve sair dele, nem sequer se inclinar para fora, sob pena de ser destruído pelas forças hostis que estão do lado de fora. Ele escolhe um círculo em vez de qualquer outra figura linear por muitas razões; por exemplo, (1) Afirma, assim, sua identidade com o infinito; (2) Ele afirma o equilíbrio igual de sua operação; pois todos os pontos da circunferência estão equidistantes do centro; (3) Ele afirma a limitação implícita em sua devoção à Grande Obra. Ele já não vaga sem rumo pelo mundo.<sup>7</sup>

---

<sup>4</sup> Aleister Crowley. *MAGICK: LIBER ABA, BOOK 4*. Weiser, 1997, pp. 140.

<sup>5</sup> O termo *token* é aqui utilizado em seu sentido técnico, vindo da semiótica e da lógica simbólica: um signo ou marcador particular que representa algo maior ou invisível. Em contexto esotérico, um *token* é um objeto ou ato que, embora fenomênico e impermanente, aponta para uma realidade metafísica, como um símbolo consagrado capaz de mediar entre o visível e o invisível — uma espécie de ponte entre o eu empírico e o Eu Verdadeiro.

<sup>6</sup> *Ain Soph* (em hebraico, אֵין סוֹפִי, i.e. *Sem Fim*) é um conceito central na cabalá luriânica, na cabalá teosófica e na Qabalah moderna em geral, designando o aspecto ilimitado e absoluto da Divindade, anterior a qualquer manifestação ou emanção. *Ain Soph* é o segundo dos Três Véus do Negativo — *Ain* (o Nada), *Ain Soph* (o Infinito), e *Ain Soph Aur* (a Luz Infinita) — que precedem a Árvore da Vida e formam a base metafísica do ser. Na teurgia thelêmica, especialmente a partir da leitura de BERASHITH, *Ain Soph* é frequentemente identificado com Nuit, a deusa do Espaço Infinito, cuja ausência de limite permite o jogo dos opostos e o nascimento da Vontade.

<sup>7</sup> Aleister Crowley. *MAGICK: LIBER ABA, BOOK 4*. Weiser, 1997, pp. 53.

O Círculo simboliza, assim, o Infinito (Nuit) em sua função de conter o Finito. É também o campo no qual o Adepto deve realizar sua União com o Todo. A posição central do Adepto no Círculo indica a necessidade de integrar-se a cada ponto da circunferência: cada aspecto do Universo mágico. Ademais, como Crowley diz que o Adepto *afirma a limitação implícita em sua devoção* ao manter-se no Círculo, esse espaço representa não o Infinito puro, mas o Tao<sup>8</sup> como Limite: a porção do Infinito a qual o Adepto está votado em sua encarnação.

A estrutura do Círculo torna-se ainda mais reveladora quando se observa seu centro: ali, encontra-se o Tau composto de dez quadrados, que representam os dez Sephiroth da Árvore da Vida. Esse Tau não é um mero ornamento, mas o símbolo do Finito, ancorado em Tiphereth, onde o Adepto se reconhece como Ra-Hoor-Khuit, o ponto de vista consciente do Universo. Crowley não marca explicitamente o ponto central, mas o descreve como invisível, Hadit, o ponto infinitamente pequeno. Ele escreve:

O centro deste círculo é o centro do Tau de dez quadrados que está no meio, como mostrado na ilustração [...]. O Tau e o círculo juntos compõem uma forma da Cruz Rosacruz, a união do sujeito e do objeto, que é a Grande Obra.<sup>9</sup>

O centro (Hadit) repousa sobre Tiphereth, e se revela como Ra-Hoor-Khuit, onde Nuit e Hadit se unem. O Adepto, ao habitar esse centro, deve unir-se a todas as experiências do seu Universo e dissolver-se no êxtase dessa união: *amor sob vontade*.

Crowley explicita ainda mais sua teoria do Nada ao incluir, no desenho do Círculo Mágico, três losangos que compõem um triângulo equilátero implícito. Esse triângulo não é marcado diretamente, mas é indicado pelas áreas comuns a dois de seus lados, formando os três losangos que Crowley associa a *Yoni* — o princípio feminino sagrado. Ele escreve:

O Tau é composto de dez quadrados, correspondendo as dez Sephiroth. Ao redor deste Tau está descrito um triângulo, que está inscrito no grande Círculo; mas do triângulo nada é realmente marcado, exceto os três vértices — as áreas definidas pela interseção das linhas que delimitam esse triângulo. Este triângulo só é visível nas partes que são comuns a dois de seus lados; elas têm, portanto, a forma do losango, uma forma da *Yoni*. O significado disto é demasiado complexo para nosso tratado simples; pode ser estudado no BERASHITH.<sup>10</sup>

Esse triângulo é uma figura metafísica: representa os Três Véus do Negativo — *Ain, Ain Soph e Ain Soph Aur* —, conforme articulados em BERASHITH. E no THE TREASURE-HOUSE OF IMAGES,<sup>11</sup> publicado como suplemento do THE EQUINOX, Vol. I, no. 3, a Figura I apresenta exatamente essa estrutura: o Tau no centro, cercado por três losangos que formam o *Triângulo do Universo*. A legenda esclarece:

---

<sup>8</sup> Tao (chinês: 道, *caminho* ou *via*) é o princípio fundamental da cosmologia taoísta, representando o fluxo impessoal, eterno e inefável que ordena todas as coisas. Em BERASHITH, Aleister Crowley emprega o termo *Tao* para descrever a Vontade secreta, silenciosa e invisível que guia o fenômeno, sendo idêntica à Verdadeira Vontade enquanto expressão individual desse fluxo cósmico. O Tao como Limite refere-se, neste contexto, à porção particular do Infinito à qual o Adepto está vinculado por sua encarnação — o traçado específico que sua Vontade deve seguir para realizar a Grande Obra. Assim, o Círculo não representa o Todo ilimitado, mas o campo traçado onde esse Todo se torna concreto: o Caminho próprio da alma.

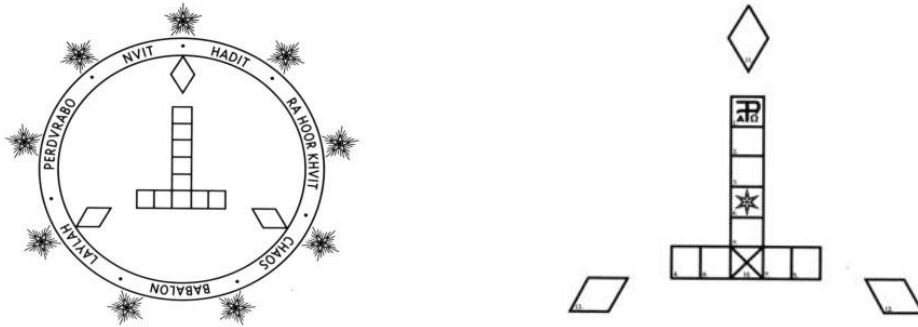
<sup>9</sup> Aleister Crowley. *MAGICK: LIBER ABA, BOOK 4*. Weiser, 1997, pp. 52.

<sup>10</sup> *Ibidem*.

<sup>11</sup> New Falcon, 1995.

Três Véus do Negativo [...]. Dentro de seu triângulo de *Yonis* está o *Lingam* que os toca e preenche. Positivo, enquanto eles são negativos [...]. Dez são as emanções da Unidade — as partes desse *Lingam*, em Kether [...]. O centro de toda a figura é Tiphereth [...].<sup>12</sup>

No capítulo *A Baqueta*, Crowley reafirma: *[O Adepto] verá a si mesmo como o Tau positivo com seus dez quadrados completos dentro do triângulo dos negativos; e essa figura tornar-se-á una, assim que, a partir do equilíbrio dos opostos, ele tiver alcançado a identidade dos opostos.*<sup>13</sup> O casamento místico entre sujeito e objeto é assim apresentado como a união entre o Finito e o Infinito, o Algo e o Nada, em perfeita harmonia.



A ilustração do Círculo Mágico representa esse triângulo metafísico como estrutura velada do ritual. Cada losango toca o interior do Círculo e aponta para diferentes seções do Tau central — um para a base vertical, e dois para os extremos da barra horizontal — articulando o espaço onde o Finito (Tau) é envolto e penetrado pelo Infinito (triângulo dos Véus). Embora temporalmente o Nada não preceda o Algo, sua estrutura negativa serve de condição metafísica à manifestação. O Nada, como campo de equilíbrio, é condição para o surgimento de qualquer forma diferenciada.

Essa mesma lógica se exprime no ritual de iniciação conhecido como LIBER PYRAMIDOS.<sup>14</sup> Escrito em outubro de 1908 E.V. por Crowley como um rito individual de entrada na A·A·:, ele substituiu um ritual anterior chamado THROA. Este, embora eficaz em seus princípios, era coletivo, o que o tornava inadequado ao sistema da A·A·:. A primeira parte do THROA descreve a preparação de uma pirâmide com base triangular:

A preparação do Lugar. Há duas forças: a da Morte e a da Vida Natural. A Morte inicia a Operação com uma batida, à qual a Vida responde. [...] Eles invocam a Palavra Divina [...] e ao afirmarem a base triangular da Pirâmide, descobrem que misteriosamente afirmaram seu Ápice, cujo nome é Êxtase.<sup>15</sup>

<sup>12</sup> Aleister Crowley e J.F.C. Fuller. *THE TREASURE-HOUSE OF IMAGES*. New Falcon, 1995, pp. 32.

<sup>13</sup> Aleister Crowley. *MAGICK: LIBER ABA, BOOK 4*. Weiser, 1997, pp. 63.

<sup>14</sup> LIBER PYRAMIDOS é um ritual de auto-iniciação composto por Aleister Crowley em outubro de 1908 E.V., em resposta à necessidade de um rito adequado à A·A·: para marcar a passagem ao Grau de Neófito (1°=10<sup>0</sup>). Desenvolvido a partir de um esboço anterior, o THROA, o ritual foi estruturado segundo a fórmula da Pirâmide com base triangular, refletindo os Três Véus do Negativo. Seu objetivo é dramatizar simbolicamente a travessia do Abismo menor — o limiar entre Malkuth e Tiphereth — e consumir, pela repetição ritualística, a entrada consciente no Caminho da Grande Obra. O texto de LIBER PYRAMIDOS aparece em múltiplas versões. A travessia do Portal, o Êxtase como ápice e a estrutura do templo como triângulo são elementos centrais, relacionando-se diretamente com a metafísica de BERASHITH e a doutrina do 0=2.

<sup>15</sup> Aleister Crowley. JOHN ST. JOHN em *THE EQUINOX*, Vol. I, no. 1. Weiser, 1970, Suplemento, pp. 17.

Essa base triangular é o Triângulo do Negativo, e o ápice, o Êxtase, produto da união entre opostos. No LIBER PYRAMIDOS, a seção *A Construção da Pirâmide* é numerada 000 — indicando sua natureza negativa e pré-fenomênica. A pirâmide iniciática é, assim, o local onde o Finito é consumido e renascido no seio do Nada.

Em resumo, a estrutura do templo — Círculo, Triângulo, Tau — é a manifestação espacial da metafísica de BERASHITH. O Círculo é Nuit, o espaço ilimitado. O triângulo dos Véus é a *Yoni* invisível. O Tau é o *Lingam* manifesto. O ritual é a encenação da união desses elementos, conduzindo o Adepto ao centro da experiência: à identidade dos opostos, dissolvida em amor sob vontade. Assim se realiza a fórmula: *Portanto, a Perfeição não reside nos Pináculos nem nos Fundamentos, mas na harmonia do Um com o Todo.* (LIBER ASTARTE, §33).

O ato mágico, portanto, deve ser sempre harmonizado — não apenas no plano de seus elementos, mas também em sua finalidade última. Ele deve ser equilibrado internamente (entre seus opostos), e dissolvido externamente (no Todo). Essa aniquilação, longe de representar uma destruição, constitui a plenitude da realização: a fusão do Eu com o Não-Eu, do Finito com o Infinito, do Sujeito com o Objeto, em uma única experiência extática.

A [devoção a Nuit] deve significar a busca ardente pelo cumprimento de todas as possibilidades, por mais desagradáveis que sejam.<sup>16</sup>

A razão do Nada manifestar-se sob a forma de triângulo e losango, como figuras *vulvicas*, está no próprio BERASHITH. Pois toda manifestação é sempre o produto da negação de uma unidade original. O triângulo negativo contém, sem conter, o Tau: sua função é permitir o ato mágico, ser o campo potencial de toda união extática, como a matriz do nascimento da Verdade.

## **DE NIHILO ET CŒPTIS: O PENSAMENTO ONTOLÓGICO DE BERASHITH**

Ao elaborar sua teoria do Universo em BERASHITH: UM ENSAIO DE ONTOLOGIA COM ALGUMAS OBSERVAÇÕES SOBRE MAGIA CERIMONIAL (1902), Aleister Crowley não pretendia instituir uma doutrina imutável, mas fornecer uma arquitetura conceitual coesa e funcional, capaz de sustentar a prática espiritual sem convertê-la em dogma. Embora tenha sido escrito antes da recepção de LIBER AL VEL LEGIS, o próprio Crowley continuou a considerar esse ensaio como um fundamento válido — ainda que passível de reinterpretção — de sua metafísica mágica. Ele o cita reiteradamente em obras posteriores, como MAGICK (LIVRO 4), THE BOOK OF LIES, CONFESSIONS e LIBER PYRAMIDOS. A originalidade central de BERASHITH reside em eleger como ponto de partida o Nada Absoluto (*Ain*), entendido não como mera ausência, mas como plenitude transcendental da qual provém toda manifestação. Trata-se, assim, de uma resposta ocidental e mágica ao problema da origem, que alia coerência racional, plasticidade simbólica e força iniciática.

A proposta de Crowley não é a de oferecer uma ontologia que descreva o real em termos absolutos, mas a de propor aquilo que ele chama de *o mínimo que podemos afirmar sobre a existência que seja compatível com a experiência espiritual e*

---

<sup>16</sup> Aleister Crowley. MAGICK WITHOUT TEARS. Llewellyn Publications, 1973, pp. 243.

*observável*. Nesse contexto, BERASHITH apresenta uma síntese integradora dos três grandes paradigmas metafísicos — o dualismo, o monismo e o niilismo —, unificando-os por meio da equação dinâmica do 0=2: todas as coisas emanam do Nada por meio da diferenciação, e a tarefa espiritual consiste em realizar conscientemente o retorno ao fundamento informe. Essa concepção foi incorporada mais tarde à estrutura ritual da A·:A·:, sobretudo no LIBER PYRAMIDOS, no qual a iniciação do Neófito simboliza o retorno extático ao *Ain* através da dissolução do eu. A adoção dessa ontologia visa fornecer ao Adepto uma estrutura de pensamento capaz de preservar sua sanidade em momentos críticos da senda, funcionando como uma gramática interior para a compreensão dos estados alterados da consciência, sem jamais os cristalizar em dogma. BERASHITH é, nesse sentido, menos uma teoria do ser do que uma tábua simbólica — um método estratégico para manter a mente ereta diante do Abismo.

Aleister Crowley entende que o adepto thelêmico deve ser absolutamente livre para explorar e experimentar o Universo de acordo com sua estrela individual. A espiritualidade de Thelema não se funda, portanto, na fé cega ou na adesão passiva a um credo, mas na experiência vívida e autodeterminada do real.

Além disso, Crowley reconhece que a teoria subjacente à jornada espiritual deve apresentar coerência interna; caso contrário, o adepto corre o risco de sucumbir à confusão nos momentos mais exigentes do caminho. Para evitar isso, torna-se necessário oferecer-lhe um sistema que permita correlacionar suas experiências de forma coesa, sem obrigá-lo a submetê-las a uma visão fixa ou doutrinária.

Apesar de apresentar alguns impasses filosóficos que devem ser resolvidos por seus leitores, BERASHITH cumpre com êxito o objetivo proposto por Crowley: oferecer uma teoria coesa, isenta de dogmatismo, que sirva como apoio ao praticante espiritual em momentos de crise, impedindo que sua mente entre em colapso. A teoria é apresentada como uma ferramenta, não como um artigo de fé. Como thelemita, Crowley afirma que nem mesmo a busca espiritual deve ser motivada por imposição externa — seja de um mestre, de um deus ou de qualquer instância transcendente coercitiva —, mas sim pela livre adesão da Vontade. Por essa razão, sua teoria do Universo deve ser avaliada em termos de utilidade prática e integridade racional, e não com base em critérios ilusórios de uma suposta *verdade última* ditada por autoridades arbitrárias.<sup>17</sup>

O sistema vertical da A·:A·: seria alicerçado por Crowley sobre a teoria do Universo que ele desenvolvera mesmo antes da recepção de O LIVRO DA LEI. Embora o ensaio tenha sido redigido em 1902, Crowley remete o leitor a ele já no Capítulo 0 de MAGICK IN THEORY AND PRACTICE, publicado em 1929. Em nenhum momento de sua trajetória posterior ele revogou os princípios ali expostos; ao contrário, manteve-os como base estável de sua ontologia. O objetivo de Crowley, ao elaborar essa teoria, era fornecer um fundamento sólido para sua leitura particular do sistema cabalístico. Nessa formulação, Deus é concebido como um Nada Absoluto, cuja natureza é esclarecida a fim de demonstrar sua relação precisa com o mundo finito. Essa teoria é defendida por Crowley tanto por sua ausência de contradições lógicas quanto por seu potencial de motivar a conduta moral e a prática religiosa. Em suma, ele não a

---

<sup>17</sup> Para que eu pudesse apresentar a teoria propriamente dita — notoriamente atípica e de difícil assimilação —, seria necessário expor os problemas que ela se propõe a resolver, bem como as inovações conceituais que lhe permitem superar, ao menos do ponto de vista ocidental, as limitações de sistemas anteriores. Somente após essa exposição seria possível abordar a interpretação que Crowley, à luz da Lei de Thelema, conferiu posteriormente à estrutura ontológica proposta em BERASHITH. Isto está além dos objetivos deste ensaio. Em outra oportunidade me debruço sobre este trabalho.

fundamenta na noção de verdade — já que o Absoluto, por definição, está além do alcance da razão e da evidência —, mas sim em sua coerência racional e aplicabilidade espiritual. Por esse motivo, qualquer aspirante à senda da A::A:: deve avaliar os fundamentos filosóficos do sistema com atenção: somente sobre uma base sólida pode a estrutura iniciática erguer-se com eficácia.

A teoria do Universo apresentada por Crowley foi adotada de modo consciente e convencional, à semelhança de sua abordagem em relação à Qabalah. Sua intenção era encontrar um modo de representar integralmente o Universo, sem, contudo, cair nas armadilhas do dogmatismo. Para isso, ele concebe sua Qabalah como *nada além de um sistema conveniente de classificação, para permitir ao magista organizar suas experiências conforme as obtém*.<sup>18</sup> Recomendava-se, assim, sua adoção como convenção funcional, com o objetivo de *unificar o todo do seu conhecimento [...] e assim transmutar, mesmo no Plano Intelectual, os Muitos em Um*,<sup>19</sup> sem incorrer em sistemas de crença que pudessem restringir a Vontade. A proposta era que essa estrutura cabalística, prática e experiencial, servisse para reconciliar e integrar as três principais concepções do Universo — o dualismo, o monismo e o niilismo —, conforme afirmado logo no início da obra.<sup>20</sup> O próprio Crowley declara: *a base dessa Harmonia [entre as três teorias do Universo] é dada em BERASHITH — ao qual se deve recorrer*.<sup>21</sup>

BERASHITH oferece ao praticante um modelo especulativo e funcional para pensar o Universo como origem e fundamento de seu próprio ser. O autor aspira a que o texto seja suficientemente abstrato para evitar compromissos ontológicos rígidos acerca do que existe ou não, propondo em seu lugar uma resposta à pergunta implícita: *Qual é o mínimo que podemos dizer sobre a natureza da existência que seja compatível com a experiência empírica e que, ao mesmo tempo, abra espaço para o impulso espiritual?* BERASHITH — palavra que nomeia o livro do GÊNESIS em hebraico e que significa *no princípio* — visa oferecer uma concepção inaugural da origem e da estrutura do Universo. Em particular, trata-se de uma narrativa filosófica e quase matemática sobre as origens últimas de todas as coisas. Como estudo de ontologia, constitui também uma investigação sistemática sobre a natureza do ser. Parte-se, desde o início, do pressuposto de que a origem de tudo é idêntica ao seu fundamento ontológico: compreender a primeira é compreender o segundo. O próprio título do ensaio sugere que Crowley — de modo inconsciente — preparava-se, por meio do pensamento e da escrita, como instrumento apto à recepção de O LIVRO DA LEI: a palavra BERASHITH soma 913 na gematria hebraica, o mesmo valor da frase em inglês *are one Perfect and not two* [são um Perfeito e não dois] de LIBER AL VEL LEGIS I:45. O verso completo afirma: *O Perfeito e o Perfeito são um Perfeito e não dois; não, são nenhum!* Ou seja, toda entidade existente, conduzida à sua perfeição pela Vontade pura, torna-se essencialmente idêntica a qualquer outra entidade igualmente perfeccionada. Ainda que ultrapasse os limites imediatos deste estudo, pode-se argumentar que, na filosofia de Crowley como um todo, a perfeição de um ser consiste na realização plena de sua potencialidade e no retorno à sua origem. Já em BERASHITH torna-se evidente que a origem comum de todos os entes reside em um Nada Absoluto, ao qual o praticante espiritual deve aspirar a retornar. O ensaio apresenta, assim, o fundamento do ser como um Nada transcendente e inacessível, cuja natureza é precisamente aquilo que ele se propõe a explorar. A teoria do Universo formulada

---

<sup>18</sup> Aleister Crowley. *MAGICK: LIBER ABA, BOOK 4*. Weiser, 1997, pp. 139.

<sup>19</sup> *Ibidem*.

<sup>20</sup> *Ibidem*, pp. 137.

<sup>21</sup> *Ibidem*, pp. 138.

por Crowley não deve ser adotada como verdade absoluta, mas como arcabouço operativo para transcender o dogma e instaurar uma atitude espiritual adequada — que recuse tanto as ilusões religiosas quanto os materialismos empobrecedores. Suas observações finais sobre magia cerimonial oferecem, inclusive, sugestões práticas para o trabalho ritual com essa concepção ontológica.

*Amor é a lei, amor sob vontade.*

Frater AHA-ON 777 :: 8°=3°  
*Praemonstrator do Outer College Brasil*

